



DIVERSIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS NÃO -VOADORES DE UM TRECHO DE MATA ATLÂNTICA DA SERRA DE SÃO JOSÉ, TIRADENTES, MG

Rafaela Velloso Missagia - Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, Belo Horizonte, MG. rafaelamissagia@hotmail.com.

Rogério Velloso Missagia - Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida, Coimbra.

Marcelo Passamani - Universidade Federal de Lavras, Departamento de Biologia, Lavras, MG.

INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica apresenta hoje aproximadamente 11,7% da sua cobertura original, dos quais 1,62% são protegidos por Unidades de Conservação de Proteção Integral (RIBEIRO *et al.*, 2009). Uma das estratégias mais efetivas para garantir a conservação da biodiversidade foi a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que é representado por um conjunto de áreas naturais protegidas, que, quando manejada e planejada corretamente, pode viabilizar os objetivos da conservação, por conter amostras representativas da diversidade de biomas, ecossistemas e espécies (MILANO, 1989). O Refúgio Estadual de Vida Silvestre Libélulas da Serra de São José (REVISE), localizado no sudoeste de Minas Gerais, é uma das áreas que compõe o SNUC e apresenta grande diversidade de espécies e variedade de ambientes. Mesmo sendo considerada área de proteção desde 1998, a Serra de São José tem sido alvo de desmatamentos, exploração de espécies, atividade mineradora, expansão urbana e de atividades agropecuárias realizadas, na maioria das vezes, de maneira insustentável (CIRINO, 2008). A rápida degradação da área torna clara a necessidade de levantamentos faunísticos e florísticos que garantam a preservação da biodiversidade local.

OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi fazer um levantamento das espécies de pequenos mamíferos não-voadores do refúgio e avaliar a distribuição sazonal da sua abundância.

MATERIAL E MÉTODOS

Local de estudo

O REVISE Libélulas da Serra de São José possui uma área de 3.171ha de Mata Atlântica. O clima da área é do tipo mesotérmico com estações bem definidas e a vegetação é do tipo floresta estacional semi-decídua montana. A precipitação média anual é de 1.435 milímetros e as temperaturas não tem grande variação anual, apresentando média de 19° com máximas de 22° e mínimas de 15° (FABRANDT, 2000).

Planejamento da amostragem

Foram realizadas dez campanhas mensais, cada uma com a duração de seis dias consecutivos de coletas, entre os meses de novembro de 2010 e agosto de 2011. A captura de pequenos mamíferos não-voadores foi realizada utilizando-se armadilhas do tipo live-trap e armadilhas de queda (baldes). Foram escolhidas três áreas de

amostragem, tendo como ponto de partida a Trilha Mãe D'água em Tiradentes, sendo que em cada área foi estabelecido um transecto de 200m, com pontos de captura de 20 em 20m. Em cada ponto havia uma armadilha do tipo live-trap colocada no chão e outra no estrato arbóreo. Em cada área foi montada também uma sessão de captura de armadilhas de queda. O teste de qui-quadrado foi utilizado para avaliar se havia diferença de captura entre as estações seca e chuvosa, usando o programa BioEstat 5.0.

RESULTADOS

O esforço total de captura foi de 3000 armadilhas/noite para as armadilhas do tipo live-trap e 600 para as armadilhas de queda. Foram realizadas 105 capturas de 74 indivíduos pertencentes a sete espécies de pequenos mamíferos, sendo quatro espécies de marsupiais (*Marmosops incanus*, *Monodelphis iheringi*, *Gracilinanus microtarsus* e *Monodelphis americana*) e três espécies de roedores (*Cerradomys subflavus*, *Akodon montensis* e *Oligoryzomys nigripes*). Os métodos de amostragem apresentaram sucesso de captura de 3,0% e 2,9% para armadilhas do tipo live-trap e armadilhas de queda, respectivamente. Houve diferença significativa na abundância total entre as estações seca e chuvosa ($\chi^2= 9.152$, $p= 0,0034$ com correção de Yates), sendo que a maioria das capturas se concentrou na estação seca (64,8%).

DISCUSSÃO

O maior número de espécies registrado em outras áreas de Mata Atlântica pode estar relacionado ao maior esforço amostral ao longo de um intervalo altitudinal, e em áreas mais heterogêneas do que a do presente estudo. Em levantamentos realizados em regiões neotropicais (CERQUEIRA *et al.*, 1993), o sucesso de captura de pequenos mamíferos foi relacionado à variação sazonal, com um aumento no número de capturas durante a estação seca, como observado no presente trabalho. Esta diferença no total de capturas entre as estações pode ser atribuída à escassez de recursos durante a estação seca, que aumenta o sucesso de captura por oferecer um recurso adicional nas armadilhas, atraindo mais indivíduos (BARROS-BATTESTI *et al.*, 2000).

CONCLUSÃO

A baixa diversidade registrada na REVISE Libélulas da Serra de São José pode estar relacionada às perturbações antrópicas nas áreas amostradas, principalmente ao turismo e à presença de animais domésticos. Mesmo assim, a área destaca-se pela sua importância como um importante bloco de vegetação nativa, mantendo representantes de espécies de pequenos mamíferos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS-BATTESTI, D. M.; MARTINS, R.; BERTIM, C. R.; YOSHINARI, N. H.; BONOLDI, V. L. N.; LEON, E. P.; MIRETZKI, M.; SHUMAKER, T. T. S. 2000. Land fauna composition of small mammals of a fragment of Atlantic forest in the State of São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 17, n. 1, p. 241-249.

CERQUEIRA, R.; GENTILE, R. D.; FERNANDEZ, F. A. S.; D'ANDREA, P. S. 1993. A five-year population study of a assemblage of small mammals in southeastern Brazil. *Mammalia*, v. 57, p. 507-517.

CIRINO, J. F.; LIMA, J. E. 2008. Valoração contingente da Área de Proteção Ambiental (APA) São José – MG: um estudo de caso. *RESR*, Piracicaba, SP, v. 46, n. 3, p. 647-672.

FUNDAÇÃO ALEXANDER BRANDT – FABRANDT. 2000. Zoneamento Ecológico-Econômico da Área de Proteção Ambiental (APA) São José, MG. Belo Horizonte: Convênio FNMA/FABRANDT (008/98) 117 p.

MILANO, M. S. 1989. Unidades de Conservação – Conceitos e Princípios de Planejamento e Gestão. Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná, Curitiba.

RIBEIRO, M. C.; J. P. MERTZGER, A. C.; MARTENSEN, F. J.; HIROTA, M. M. 2009. The Brazilian Atlantic Forest: How much is left, and how is the remaining forest distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation*, v.142, p. 1141-1153.